

ISSN: 1676-7047

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 1

Aristóteles
Física I - II

Tradução revisada e notas
Lucas Angioni

IFCH/UNICAMP
Fevereiro de 2002

FÍSICA de Aristóteles

Livro II

Capítulo 1

[192b 8] Entre os entes, uns são por natureza, ao passo que outros são por outras causas; por natureza, seguramente, são os animais e as partes deles, bem como as plantas e os corpos simples, isto é, terra, fogo, ar e água (pois dizemos que essas e tais coisas são por natureza), e todos eles manifestam-se diferentes em comparação com os que não se constituem por natureza. Pois cada um deles tem em si mesmo princípio de movimento e repouso – uns, segundo o lugar, outros, segundo crescimento e definhamento, ao passo que outros, segundo alteração –; no entanto, cama e veste, por sua vez; e qualquer outro gênero de tal tipo, na medida precisamente em que comportam a respectiva designação e enquanto são a partir da técnica, não têm nenhum impulso inato para a mudança, mas, enquanto lhes sucede ser de pedra, de terra ou misturados a partir desses elementos, eles o têm, e nesta exata medida – pois a natureza é um certo princípio e causa pelo qual aquilo em que primeiramente se encontra move-se ou repousa por si mesmo e não segundo concomitância; digo “não segundo concomitância”, porque alguém, por ser médico, poderia se tornar ele mesmo causa de sua própria saúde; mas, não obstante, não é por se curar que ele tem a arte medicinal, mas sucede que o mesmo é concomitantemente médico e quem se cura; por isso, inclusive, às vezes eles estão separados um do outro. Senelhantermente, também cada uma das coisas que são produzidas: pois nenhuma delas tem em si mesma o princípio da produção, mas algumas o têm em outras coisas e a partir de fora, por exemplo, casa e cada um dos outros manufaturados, ao passo que outras – todas aquelas que poderiam vir a ser segundo concomitância

causa para si mesmas – o têm, de fato, em si mesmas, mas não enquanto são tomadas conforme elas mesmas.

[192b 32] Natureza, assim, é isso que foi dito; por sua vez, tem natureza tudo quanto tem um tal princípio. E todas essas coisas são essência: pois são um subjacente, e a natureza reside sempre no subjacente. E são conforme à natureza tais coisas e tudo aquilo que lhes pertence devido a elas mesmas – por exemplo, para o fogo, locomover-se para o alto: pois isso não é natureza, nem tem natureza, mas é por natureza e conforme à natureza.

[193a 1] Está dito, portanto, o que é a natureza e o que é “por natureza” e “conforme à natureza”; por outro lado, seria ridículo tentar mostrar que a natureza existe: pois é manifesto que, entre os entes, há muitos assim desse tipo. E mostrar as coisas manifestas através das não-manifestas é próprio de alguém incapaz de discernir entre aquilo que é cognoscível através de si mesmo e aquilo que é cognoscível não através de si mesmo (e não é desprovido de evidência que é possível padecer disso: pois alguém, sendo cego de nascença, poderia raciocinar a respeito de cores); por conseguinte, é necessário que tais adversários nada pensem, e que o argumento deles seja concernente às palavras.

[193a 9] Alguns reputam que a natureza e a essência dos entes naturais seria aquilo que, desarranjado em si mesmo, é primeiramente inerente a cada um, por exemplo, de uma cama, seria natureza a madeira e, de estátua, o bronze. E como sinal disso Antifonte afirma que, se alguém enterrasse uma cama e se a podridão adquirisse poder de lançar um broto, não surgiria cama, mas sim madeira, como se, por um lado, estivesse presente segundo concomitância a técnica e a disposição conforme à regra e, por outro lado, a essência fosse aquela que de fato permanece continuamente ao suportar tais modificações. E se também cada um desses padece isso mesmo em relação a algo diverso (por exemplo: o bronze e o ouro em relação à água, os ossos e a lenha em relação à terra, e semelhantemente também qualquer uma das outras coisas), afirma que este último é a natureza e a essência deles. Por isso, precisamente, uns afirmam que a natureza dos entes é fogo, outros afirmam que é terra, outros, que é ar, outros, que é água, outros, alguns desses elementos e outros, enfim, todos eles. Pois aquilo que um deles julga ser de tal tipo (seja um só, seja mais de um), eis o que

afirma ser (em tal quantidade) a essência inteira, ao passo que todas as demais coisas seriam modificações ou propriedades ou disposições daquilo; e afirmam que, entre esses elementos, um qualquer seria eterno (pois afirmam não haver possibilidade de mudança para eles a partir deles mesmos), ao passo que as demais coisas viriam a ser e se corromperiam ilimitadas vezes.

[193a 28] Portanto, de uma certa maneira, a natureza se denomina assim: a primeira matéria que subjaz a cada um dos que possuem em si mesmos princípio de movimento e mudança; no entanto, de outra maneira, denomina-se natureza a configuração e a forma segundo a definição; pois, assim como denomina-se “técnica” aquilo que é conforme à técnica e o artificial, do mesmo modo também denomina-se “natureza” aquilo que é natural e conforme à natureza. E naquele caso, quando algo é cama apenas em potência, mas ainda não tem a forma da cama, ainda não dizemos que se tem conforme à técnica, nem que há técnica, tampouco no caso dos que se constituem por natureza: pois a carne ou o osso em potência não têm ainda sua natureza própria, nem são por natureza, antes de assumir a forma, a que é conforme o enunciado pelo qual dizemos, ao defini-los, o *quê é* carne ou osso.

[193b 3] Por conseguinte, de outra maneira, a natureza dos que possuem em si mesmos princípio de movimento é a configuração e a forma, que não é separável a não ser conforme a definição (o composto de ambos, por sua vez, não é natureza, mas sim por natureza – por exemplo, homem).

[193b 6] E esta é natureza mais do que a matéria: pois cada coisa se denomina quando é em efetividade, mais do que quando é em potência.

[193b 8] Além disso, um homem vem a ser a partir de um homem, mas uma cama não vem a ser a partir de uma cama: por isso, inclusive, dizem que a natureza não é a figura, mas sim a madeira, porque, se algo brotasse, surgiria não uma cama, mas sim madeira. Ora, ora, mas se natureza é isso, também a forma é natureza, pois é a partir de homem que vem a ser homem.

[193b 12] Além disso, a natureza que se afirma como vir a ser é processo em direção à natureza. Pois não é como a cura, que se afirma ser processo não em direção à arte curativa, mas sim em direção à saúde – pois é necessário que a cura seja a partir da arte curativa, mas não em direção à arte curativa, ao passo

que não é assim deste modo que a natureza se comporta para com a natureza; pelo contrário, aquilo que nasce, enquanto nasce, vai a partir de algo em direção a algo. Mas o que é que nasce? Não aquilo a partir de que, mas sim aquilo em direção a que: portanto, a forma é natureza.

[193b 18] Mas a forma e a natureza se dizem de dois modos: pois até mesmo a privação é, de uma certa maneira, forma. Mas se há ou não há, no que concerne à geração simples, privação e algum contrário, deve ser examinado posteriormente.

Capítulo 2

[193b 22] Visto que foi delimitado de quantos modos se diz a natureza, depois disso deve-se inspecionar em que o matemático se diferencia do estudioso da natureza (pois também os corpos naturais têm superfícies e sólidos, bem como comprimentos e pontos, a respeito dos quais o matemático faz seu estudo); além disso, deve-se inspecionar se a astronomia é uma parte da ciência natural, ou se é lhe distinta; pois seria absurdo se coubesse ao estudioso da natureza conhecer o quê é o sol ou a lua, mas não conhecer nenhum dos concomitantes que lhes sucedem por si mesmos, principalmente porque aqueles que estudam a natureza manifestamente pronunciam-se também a respeito da figura da lua e do sol, e inclusive a respeito de saber se a Terra e o mundo são esféricos ou não. Ora, também o matemático se ocupa desses itens, mas não enquanto cada um é limite de corpo natural; tampouco estuda os concomitantes enquanto sucedem aos corpos naturais tomados nesta qualidade; por isso, inclusive, o matemático separa: pois, pelo pensamento, [sc. tais itens] são separáveis do movimento, e isso não faz nenhuma diferença, tampouco surge algo falso na medida em que eles os separam.

[193b 35] Despercebidamente fazem isso também os que afirmam as idéias: pois separam os entes naturais, que são menos separáveis do que os matemáticos. Isso torna-se evidente quando alguém tenta enunciar as definições de cada um deles, tanto deles mesmos, como de seus concomitantes. Pois o par e o ímpar, o reto e o curvo e, ainda, número, linha e figura, hão de ser definidos sem movimento, mas carne, osso e homem não mais poderiam ser definidos sem